

OS CARROS DE PAPAÍ

Paulo Cadaval
Abril de 2008

FORD 1929

Era um sedan quatro portas, verde escuro em baixo e preto na capota, vulgarmente conhecido como “Ford bigode”, por causa das duas alavanquinhas que tinha logo abaixo do volante, para regular o avanço da ignição e aceleração.

As rodas foram modificadas para o modelo 1932, deixando o Fordinho mais elegante. Não tinha vidros nas portas e sim “cortinas” com plástico transparente. Era lindo e motivo de nosso orgulho por termos um carro, naquela época.

Nonô, como fez com todos os outros carros de Papai, dava um trato nele todos os sábados, na parte da manhã, não sei se para conservá-lo ou para prepará-lo para as fugidas à noite...

Certo sábado, à tarde, Papai resolveu colocar toda a família no carro e fomos na direção da Pampulha. De repente o motor começou a falhar, falhar, até parar. Papai abre o capô, examina tudo e não encontra a causa do defeito. Eu e Nonô também fizemos o mesmo e ... nada. Aí, Papai perguntou ao Nonô se ele tinha mexido em algo durante a faxina habitual que ele fizera naquela manhã. Nesta altura ele, certamente, já tinha matado a questão, mas não se atrevia falar com medo da bronca. Mamãe, nervosa, já queria voltar a pé para casa. Então Nonô, com seu sorriso sarcástico, lembrou que havia trocado a tampa do radiador pela tampa do tanque de gasolina, que era muito mais bonita! Acontece que a tampa do tanque de gasolina tinha um suspiro para evitar que fosse formado vácuo no tanque (não havia bomba e a gasolina descia por gravidade). Trocadas as tampas e após sonora bronca, muito maior de Mamãe do que de Papai, continuamos o passeio.

Agora, chega de achar que Nonô era sempre o culpado e vamos passar a “bola” para mim.



Papai dormia muito cedo e sorrateiramente eu pegava a chave do Fordinho (como era chamado, carinhosamente por nós), e saía para dar umas voltas, com os amigos.

Eram eles o Gláucio, o Chico D’Avila, o Pedrinho e o Afonsinho. Fazíamos uma vaquinha e colocávamos quinhentos reis de gasolina, para que o crime não fosse descoberto, na manhã seguinte, por Papai. O Gláucio

batizou o Fordinho com o nome de “Charanga”. De vez em quando ele falava: Ô Cadaval, pega a Charanga p’ra a gente dar umas voltas e lá íamos nós, pela noite movimentadíssima de Belzonte. Acontece que numa destas escapadas, passei com a Charanga por um buraco e a frente do carro

“afundou”. Por sorte, perto dali achamos uma oficina, ainda aberta e tocamos para lá. O mecânico deu logo o diagnóstico: a mola mestra do feixe dianteiro quebrou. Solução: “comprar outra, no dia seguinte, e fazer a montagem”. Dois problemas se apresentaram: dinheiro para comprar a mola e como falar para Papai sobre o acontecido e levar sonora bronca da D^a Diva. Solução prática: soldar a mola. O mecânico estava irredutível com esta proposta indecente, mas acabou aceitando, com minha promessa de, na manhã seguinte, comprar uma mola mestra (logo a mola mestra, a maior e a mais cara...) e trocar pela soldada. Feita a solda e montado o feixe, levei o carro para casa, com todo cuidado. O dia seguinte seria ... outro dia.

Acontece que a mola nunca foi substituída, até o carro ser trocado pelo Chevrolet 36. Muita irresponsabilidade, que por sorte, não ocasionou um acidente...

CHEVROLET 1936

Papai trabalhava na SIT (Sociedade de Instalações Técnicas Ltda.), cujos escritórios ficavam no Edifício Acaiaca, na Av. Afonso Pena, bem em frente à Igreja São José. Uma tarde ele me chamou lá e da sacada do escritório, apontou para um carro que estava estacionado junto à entrada da igreja, e falou: “vendi o Fordinho e comprei aquele Chevrolet 1936, preto, que está ali”. Quase caí de costas. Um Chevrolet 36, preto, inteirinho! Que conforto! Vidro das portas que eram acionados por manivela, em vez das cortinas do Fordinho, motor potente, etc. Foi um progresso enorme. Nonô adorou, também.

Não me lembro, entretanto, de “causos” sobre o Chevrolet, nem mesmo de datas. Fica isto para os irmãos de melhor memória, já que Nonô não está mais conosco para contar o que sabia sobre este carro.

O único “causo” que me lembro, aconteceu uma semana após a venda do carro. Naquele tempo não se falava em manutenção preventiva e nem tínhamos dinheiro para isto. Quebrava, a gente mandava consertar... Com o passar dos anos o Chevrolet foi ficando muito ruim, cheio de defeitos e Papai resolveu vendê-lo, o que foi feito com rapidez. Papai exigiu o pagamento em dinheiro (cheque era coisa rara de que mineiro, muito desconfiado, não gostava). Recebeu,



em dinheiro, dentro de um saco pardo de armazém e para evitar problemas, pediu Nonô para levar o carro até a casa do comprador, com o mesmo do lado e ... ponto final.

Uma semana depois, o comprador apareceu lá em casa, procurando por Papai. Tinha havido um curto circuito no painel de instrumentos, seguido de incêndio dentro do carro. Papai, muito calmamente, disse que lamentava, mas, o carro não era mais dele e não podia fazer nada! O cara foi embora, muito p da vida e Papai morreu de rir (antes com ele do que com eu...).

FORD 1941 (MERCURY)

Um “tanque”, motor V8, preto. A gasolina deveria ser muito barata naquela ocasião, pois o consumo daquele motor era muito alto.

Lembro-me, apenas, de dois “causos” muito significativos.

Era o dia do casamento de Maninha e Bedê. A noiva ia para a igreja (Coração de Jesus) com Papai, no banco de trás, Nonô na direção e eu do lado. Nonô preparou o carro todo, lavou, encerrou, poliu: uma jóia! Logo que saímos lá de casa, começou a fazer em barulho na roda traseira direita. E agora? O que fazer? Resolvemos tocar em frente, devagar, até a igreja, rezando para o carro não quebrar, pois o vexame seria grande: levando a noiva, primeira filha a casar, etc. Chegamos. Tratamos, logo, de conseguir outro carro para trazer Maninha e Bedê de volta.

Nonô e eu voltamos, após o casamento, muito de vagar, barulho aumentando, etc. Chegando em casa, fomos retirar a roda e, ao sair a calota, achamos o motivo do susto: um dos parafusos da roda soltou-se e ficou rolando dentro da calota.



O outro fato com o Mercury, foi na volta de um passeio à Serra do Cipó. Carro lotado com filhos e amigos, fim de tarde. Um barulho grande no eixo traseiro, o carro foi freando, freando e parou. Fomos olhar: o para fuso, forjado, que prendia as molas do feixe traseiro, quebrou-se e a mola mestra (sempre a mola mestra!) deslizou e travou a roda traseira direita. Aonde achar um parafuso naquele local, estrada de terra, longe de Lagoa Santa e naquela hora?

Papai não “esquentou” e falou comigo: tem uma casinha longe, no meio do pasto aí do lado. Vamos até lá ver se achamos um parafuso. Em minha opinião, a probabilidade de encontrarmos um parafuso que servisse era zero, mas fomos lá.

Apareceu um preto velho, magro, alto e muito atencioso (o normal seria estar nos esperando com uma carabina na mão). Papai conversou, explicou o que queríamos e o preto velho ficou escutando. Depois disse: venham aqui dentro de casa. O único parafuso que tenho é o da minha cama e se servir eu dou. Tirou o parafuso. Era muito grande e parecia que servia. Calçou a cama com dois tijolos e amarrou com um arame as tábuas da cama, e nos deu o parafuso. Papai quis pagar e ele não aceitou. Fomos até ao carro, levantamos as rodas de traz e batendo nas molas acertamos o furo e colocamos o parafuso. Deu certo. Inacreditável! Acontece que o parafuso era de aço 1010 sem resistência para suportar a carga do carro. Fomos embora, devagar, mas chegamos. Não me lembro de Papai ter trocado este parafuso por outro forjado.... Isto era um pormenor insignificante para ele.

CITROËN

Tinham, naquela época, muitos Citroën em Belo Horizonte, todos na cor preta e do mesmo modelo. No começo, o de Papai era muito bom. Com o passar do tempo, sem manutenção preventiva ou outra qualquer, ficou, como era natural, cheio de defeitos: cambio, fechadura das portas, etc. Papai não “esquentava” e ia andando. Quando as marchas “encavalavam”, Papai abria o capô, sacudia certas alavancas e ia em frente, como se nada tivesse acontecido.



Papai deixava o carro estacionado na rua, enquanto trabalhava. Certa tarde, eu estava na porta de casa quando ele chegou e estranhei o carro, porque me pareceu muito mais novo que o de Papai, limpo, brilhando, etc. Falei isto com ele e naquela sua calma característica, olhou, examinou o carro e disse: “Você está certo. Este não é o meu carro!”. Voltei com ele, imediatamente, para o local onde tinha estacionado o outro. Tinha um grupo de pessoas ali, inclusive um senhor dizendo que o seu Citroën tinha sido roubado. A polícia foi chamada e acabara de chegar. Papai tinha levado o carro errado! A chave abriu tranqüilamente o outro carro e o Dr. Luiz não estranhou estar dirigindo um carro mais novo, mais limpo, mais bonito e que não encavalava marchas. Explicado o engano, tudo foi esclarecido, desculpas pedidas, muitos abraços e muitas risadas.

Agora, fica para as irmãs mais novas (Tucha e Daisy) falarem sobre o Gordini, o Fusca e outros carros de Papai.

PEGANDO CARONA NAS LEMBRANÇAS DE PAULO

Maurício Cadaval

Eu era menino quando a família toda ia para a casa da Pampulha no Fordinho 29. Não me lembro de incidentes na ida. Era na volta, quando todos estavam cansados e felizes, depois de um fim de semana de muita atividade, que o carro fazia das suas.

O mais dramático era na forte subida da Av. Antônio Carlos, antes do IAPI. Ali o carro bufava, soltava uma coluna de vapor que embaçava o pára-brisa e ameaçava fundir o motor. Alguns tinham que apeiar e completar a subida a pé para aliviar o peso. Para minha tristeza, eu sempre estava entre eles. Lá em cima, entrávamos novamente na Charanga e descíamos, vitoriosos e aliviados, em direção à Lagoinha e ao centro da cidade.

Lembro-me de uma viagem mais longa, a Divinópolis, onde Papai ia vistoriar uma obra. A toda hora tínhamos que parar o carro, entrar no mato e encher um garrafão com a água de algum córrego que passasse por perto para completar o radiador. Era tempo de seca e cada parada na estrada de terra significava uma nuvem de poeira sobre os passageiros. Fazer o quê?

Fomos e voltamos sem maiores problemas, uma vez que a água fervendo no radiador, o calor e a poeira da estrada eram coisas de rotina nessa época. Já chegando em Belo Horizonte, vimos um ajuntamento de pessoas na barragem da Pampulha. Papai parou o carro e descemos para ver o que era. Alguém mostrou um vazamento de água na parede de pedra, uma bica que parecia pouco ameaçadora. Vi que Papai ficou preocupado, mas não tinha o que fazer. No dia seguinte, a barragem rompeu inundando o Aeroporto e todo o vale a jusante. Foram meses, talvez anos, até reconstruir a barragem e ter de volta a bonita Lagoa da Pampulha.

oOo

O Citroën fez parte ativa da minha adolescência. Ai por volta de 1957-1958 eu já sabia dirigir, mas, em nenhuma hipótese, estava autorizado a sair sozinho com o carro. O jeito era “roubar” o possante à noite para passear com os amigos, seguindo a trilha de Paulo e de Nonô.

A estratégia não era simples. Primeiro, esperar os velhos dormirem. Depois, pé ante pé, no escuro, tirar a chave do carro que ficava sempre em cima da cômoda, junto ao Menino Jesus de Mamãe que a essa hora também já estava adormecido.



O passo seguinte era mais complicado: tirar o carro da garagem sem fazer barulho. Os amigos (ao menos dois eram essenciais para o sucesso da estratégia) que já esperavam lá fora, ajudavam a empurrar o Citroën, cuidadosamente, primeiro para fora da garagem e depois até a Av. Bernardo Monteiro. Ali era a vez da gravidade, pois o carro raramente pegava na chave. Tinha que ser no tranco, na descida da avenida. Ele quase sempre pegava até a Rua dos Ottoni. Mas, nem sempre. Uma vez reagiu valentemente, passou pela Praça Hugo Werneck e desceu o último quarteirão da Bernardo Monteiro até o Rio Arrudas. E lá parou, em repouso absoluto.

Um dos amigos, o Pedrinho, disse que já tinha sido ajudante de chofer de caminhão e entendia de motores, o que, provavelmente, não passava de lorota. “Deixa p’ra lá que eu resolvo...”. E mexe, remexe por mais de uma hora até que o carro pegou na chave, milagrosamente. Depois de tanta tensão, o Citroën ficou mesmo foi na garagem e partimos a pé para a noite de Belo Horizonte.